

RESUMO SIMPLES



"O PRINCÍPIO NÃO ESTÁ NO VERBO, MAS NA CARNE": CORPO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA DE TESTEMUNHO PALESTINA.

Autor¹ Felipe Geymison Ramos Bernardo

Orientador² Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior

Resumo: Nos últimos três anos (2023–2026), a “questão da Palestina” , expressão que sintetiza um conflito historicamente construído e que também intitula uma das mais conhecidas obras de Edward Said, voltou a ocupar lugar central no debate político internacional, evidenciando as relações de poder que estruturam esse conflito. Nesse contexto, este trabalho parte da hipótese de que a literatura de testemunho palestina ultrapassa sua dimensão estética, constituindo-se como uma prática de resistência frente às tentativas de apagamento simbólico, material e cultural da identidade palestina produzidas pelas múltiplas violências do Estado de Israel. Como afirma Márcio Seligmann-Silva, "a literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço" (SELIGMANN-SILVA, 2025, p. 149). Nessa perspectiva, a literatura não apenas representa experiências traumáticas, mas preserva memórias que resistem ao esquecimento, permitindo problematizar as fronteiras entre História e Literatura e questionar delimitações rígidas da historiografia quanto ao uso da produção literária como fonte histórica. Assim, a literatura de testemunho produzida por sujeitos palestinos constitui um dos registros mais potentes de uma experiência histórica atravessada pela guerra, pelo deslocamento forçado e pela violência. O objetivo da pesquisa é compreender de que maneira a literatura de testemunho se constitui como uma prática de resistência diante dos processos de desumanização, subalternização e apagamento da memória coletiva palestina. Metodologicamente, a investigação ancora-se na hermenêutica, compreendida como uma prática interpretativa voltada para a produção de sentidos textuais e imagéticos. A partir desse referencial, busca-se compreender como a Nakba é significada nas narrativas palestinas, quais sentidos são atribuídos à experiência do refúgio e de que modo a linguagem testemunhal transforma a memória da violência em resistência. Ao fazê-lo, pretende-se contribuir para uma historiografia sensível às experiências do sofrimento humano, atenta às

¹ Felipe Geymison Ramos Bernardo, Urca, História, felipe.geymison@urca.br

² Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior, Urca, História, costa.junior@urca.br

dores do corpo e do outro, uma historiografia paciente conforme propõe o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, pois essa prática do ofício aguça nossa percepção do nosso papel enquanto historiadores, pois “Se nos tornamos cientes do que acontece no mundo, do que as coisas são, como se chama e como agem e reagem, através da linguagem, através dos sons, das imagens e conceitos, é ela que nomeia e significa as dores que sofremos, os padecimentos que as nossas histórias nos trazem” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2025, p.60).

Palavras-chave: Palestina. Literatura. Resistência. Identidade.

Agradecimentos:

Agradeço a Urca, ao departamento de História e ao Centro acadêmico, pela valorosa iniciativa e empenho para os alunos graduandos.